

PARA QUE SERVE A EDUCAÇÃO?¹

Seis mitos sobre as fundações da educação moderna, e seis novos princípios para substituí-los

Por David Orr

Um dos artigos em *The Learning Review* (IC#27)

Inverno de 1991, Página 52

Copyright© 1991, 1996 por Instituto Context

Estamos acostumados a pensar que aprendizado sempre é bom. Mas como educador ambiental, David Orr nos lembra, que, de alguma maneira, nossa educação até agora criou um monstro. Este ensaio é adaptado do discurso realizado na formatura da classe de 1990 no Arkansas College, que fez muitos de nós Ele provocou muitos questionar sobre porque tais discursos são feitos no final ao invés de no início da experiência universitária.

David Orr é fundador do Projeto Meadowereek, um centro de educação ambiental em Fox, AR e está atualmente no corpo docente do Oberlin College em Ohio.

Se hoje é um típico dia no Planeta Terra, perderemos 300 km² de florestas tropicais, ou 4000 m² por segundo. Perderemos outros 186 km² de terras cultiváveis como resultado do mau gerenciamento e da superpopulação. Perderemos de 40 a 100 espécies, e ninguém sabe exatamente se o número é 40 ou 100. A população humana irá aumentar hoje em 250.000 habitantes. E hoje adicionaremos 2.700 toneladas de clorofluorcarbonos na atmosfera e 15 milhões de toneladas de carbono. Hoje à noite a Terra estará um pouco mais quente, suas águas mais ácidas, e o tecido da vida mais ameaçada.

A verdade é que muitas das coisas sob as quais seu bem-estar e prosperidade dependem estão em terrível risco: estabilidade climática, a resiliência e produtividade dos sistemas naturais, e a diversidade biológica.

Vale a pena notar que este não é o trabalho de pessoas ignorantes. É, pelo contrário, em grande parte o resultado do trabalho de pessoas com títulos de bacharel, especialista, mestrado e doutorado. Elie Wiesel estabeleceu um argumento similar no último inverno no Fórum Global em Moscou quando disse que os arquitetos e mentores do holocausto foram herdeiros de Goethe e Kant. Com todo respeito, os alemães eram as pessoas mais educadas na Terra, mas sua educação não serviu como uma barreira para a barbárie. O que estava errado com sua educação? Nas palavras de Wiesel: “Ela enfatizava teorias ao invés de valores, conceitos ao invés de seres humanos, abstração ao invés da percepção, respostas ao invés de perguntas, ideologia e eficiência ao invés da consciência.”

¹ Tradução livre: Vicente Manzione Filho

O mesmo poderia ser dito sobre a forma como a educação tem nos preparado para pensar sobre o mundo natural. Não é uma questão de pequena consequência que as únicas pessoas que viveram e vivem sustentavelmente no planeta não leem, ou, como os *Amish*, não fazem de ler um fetiche. Meu ponto é simplesmente que educação não é garantia de decência, prudência ou sabedoria. Mais do mesmo tipo de educação somente multiplicará nossos problemas. Isso não é um argumento a favor da ignorância, mas uma afirmação de que o valor da educação deve agora ser medido contra os padrões de decência e da sobrevivência humana – questões que agora nos ameaçam tão fortemente. Não é a educação que irá nos salvar, mas uma educação de certo tipo.

MEIOS SANOS, FINS INSANOS

O que deu errado com a cultura e com a educação contemporânea? Há alguns *insights* na literatura: O Fausto de Christopher Marlowe, que trocou sua alma por conhecimento e poder; Dr. Frankenstein de Mary Shelley, que se recusou a assumir responsabilidade por sua criação; Captain Ahab de Herman Melville, que diz “Todos meus meios são sanos, meu motivo e objeto são insanos”. Encontramos nestes personagens a essência da tendência moderna de domínio da natureza.

Historicamente, a união proposta por Francis Bacon entre conhecimento e poder previu a aliança contemporânea entre governo, empresas e conhecimento que criou tantos problemas. A separação do intelecto de Galileu, previu o domínio da mente analítica sobre àquela parte destinada à criatividade, humor e sensação de plenitude. E, na epistemologia de Descartes, acham-se as raízes da radical separação entre o eu e o objeto. Nas convicções destes três filósofos estão as fundações da educação moderna, fundações agora transformadas em mitos que viemos a aceitar sem questionar. Deixe-me sugerir seis:

Primeiro, há o mito de que a ignorância é um problema solúvel. Ignorância não é um problema solúvel, mas uma parte inescapável da condição humana. O avanço do conhecimento sempre carrega com ele o avanço de alguma forma de ignorância. Tome-se por exemplo, nos anos 30, quando Thomas Midgely Jr descobriu o CFCs: o que inicialmente parecia ser ignorância trivial se transformou em um vazio ameaçador para a vida no entendimento humano sobre a biosfera. Ninguém pensou em perguntar “o que esta substância faz para o que?” até o início dos anos 70, e em 1990 os CFCs tinham criado o buraco na camada de ozônio. Com a descoberta dos CFCs, o conhecimento aumentou, e como a amplitude de um círculo em expansão, a ignorância cresceu também.

O segundo mito é que com bastante conhecimento e tecnologia podemos gerenciar o planeta Terra. “Gerenciar o planeta” soa bem. Apela para nossa fascinação com dígitos, computadores e botões. Mas a complexidade da Terra e de seus sistemas vivos não podem ser gerenciados seguramente. A ecologia da camada superior do solo ainda é largamente desconhecida, assim como suas relações com o sistema maior da biosfera.

O que poderia ser gerenciado somos nós: nossos desejos, economias, política e comunidades. Mas o foco de nossa atenção é capturado por aquilo que evita escolhas implícitas difíceis como política, moralidade, ética e senso comum. Faz melhor senso

redesenhamos a nós mesmos para cabermos em um planeta finito do que nos esforçarmos para redesenhar o planeta para acomodar nossos desejos infinitos.

O terceiro mito é que o conhecimento está aumentando e por implicação o bem estar humano. Há uma explosão de informação em andamento, o que eu quero dizer um rápido aumento de dados, palavras e papel. Mas esta explosão não deve ser considerada como um aumento no conhecimento e sabedoria, que não podem ser tão facilmente medidos. O que pode ser dito verdadeiramente é que algum conhecimento está aumentando, enquanto outros tipos de conhecimento estão sendo perdidos. David Ehrenfels apontou que os departamentos de biologia não mais contratam professores em áreas tais como sistemática, taxonomia ou ornitologia. Em outras palavras, conhecimentos importantes estão sendo perdidos em função da recente ênfase em biologia molecular e engenharia genética que são áreas de investigação mais lucrativas, mas não mais importantes. Nós ainda não temos uma ciência de cuidado da terra como preconizado por Aldo Leopoldo, há meio século atrás.

Não é somente o conhecimento de certas áreas que está sendo perdido, mas o conhecimento intrínseco que as pessoas têm de seus lugares. Nas palavras de Barry Lopez:

“Sou forçado a admitir que alguma coisa estranha, se não perigosa, está acontecendo. Ano após ano o número de pessoas com conhecimento da terra diminui. Populações rurais continuam a mudar-se para cidades... Esta perda de conhecimento pessoal e local, um conhecimento do qual a geografia real é derivada, e sobre o qual em última estância um país deve se sustentar, chegou a algo difícil de definir, mas que é no mínimo sinistro e inquietante.”

Na confusão entre dados e conhecimento reside um erro profundo, de que a aprendizagem nos tornará pessoas melhores. Mas aprender, como Loren Eiseley disse certa vez, é um processo sem fim “e não nos tornará pessoas éticas.” Em última análise, é o bom conhecimento que está mais ameaçado por todos os outros avanços. Tudo considerado, é possível que estejamos nos tornando mais ignorantes sobre as coisas que devemos fazer para viver bem e sustentavelmente na Terra.

O quarto mito da educação superior é que podemos restaurar adequadamente o que desmantelamos. No currículo moderno, fragmentamos o mundo em bits e pedaços chamados de disciplinas e subdisciplinas. Como resultado, depois de 12 ou 16 ou 20 anos de educação, a maioria dos estudantes se forma sem qualquer senso integrado sobre a unidade das coisas. As conseqüências pessoais e para o planeta são grandes. Por exemplo, rotineiramente produzimos economistas que carecem dos mais rudimentares conhecimentos de ecologia. Isso explica porque nosso sistema de contas nacionais não subtrai do produto interno bruto os custos de empobrecimento biótico, da erosão do solo, do envenenamento do ar ou da água e da depreciação dos recursos. Adicionamos o preço de venda de uma saca de trigo, enquanto esquecemos de subtrair três sacas da camada superior do solo perdidos na sua produção. Como resultado desta educação incompleta, enganamos-nos ao pensar que somos muito mais ricos do que realmente somos.

Quinto, há o mito que o propósito da educação é dar os meios para ascensão e sucesso. Thomas Merton identificou isso uma vez como “produção em massa de pessoas

alfabetizadas sem nenhuma condição, com exceção de tomar parte em uma simulação elaborada e completamente artificial.” Quando solicitado para escrever sobre seu próprio sucesso, Merton respondeu dizendo que “se aconteceu certa vez de eu ter escrito um *best seller*, foi puro acidente, em função de minha falta de atenção e inexperiência, e eu tomaria muito cuidado para nunca fazer o mesmo novamente.” Seu conselho aos estudantes era para “serem qualquer coisa que vocês quiserem, loucos, bêbados e bastardos, mas a todo custo evite uma coisa: o sucesso.”

O fato básico é que o planeta não precisa de mais pessoas de sucesso, mas precisa desesperadamente de mais pacifistas, cuidadores, restauradores, contadores de história e amantes de todos os tipos e formas. Precisa de pessoas que vivam bem em seus lugares e com coragem moral, que desejem se juntar à luta para tornar o mundo mais habitável e humano. E estas necessidades têm pouco haver com o sucesso como nossa cultura o define.

Finalmente, há o mito que nossa cultura representa o ápice do triunfo humano: nós sozinhos somos modernos, tecnológicos e desenvolvidos. Isto, é claro, representa uma arrogância cultural do pior tipo, e uma idéia totalmente falsa do ponto de vista histórico e antropológico. Recentemente, esta visão tomou a forma de que ganhamos a guerra fria e que o triunfo do capitalismo sobre o comunismo está completo. O comunismo falhou porque produziu muito pouco a um preço muito alto. Mas o capitalismo também falhou porque produz muito, divide muito pouco a um custo muito altos para nossos filhos e netos. O comunismo falhou por ter uma moralidade ascética. O capitalismo falhou porque destrói toda moralidade. Este não é o mundo alegre que um número de publicitários incompetentes e políticos descrevem. Nós construímos um mundo de riqueza exagerada para poucos e de uma pobreza de Calcutá para uma classe baixa crescente. Em seu pior nível é um mundo de *crack* nas ruas, violência insensata e anônima e o mais desesperador tipo de pobreza. O fato é que vivemos em uma cultura em desintegração. Nas palavras de Ron Miller, editor da *Holistic Review*:

“Nossa cultura não cultiva o que há de melhor ou mais nobre no espírito humano. Não cultiva a visão, imaginação ou a sensibilidade visual ou espiritual. Ela não encoraja a gentileza, generosidade, cuidado ou compaixão. De maneira crescente, no final do século XX, a visão de mundo econômica-tecnocrática-estática tornou-se um monstro destruidor do que é mais caloroso e importante para a vida na alma humana.”

PARA QUE A EDUCAÇÃO DEVE SERVIR

Considerando a agenda da sobrevivência humana, como podemos repensar a educação? Deixe-me sugerir seis princípios.

Primeiro, toda educação é educação ambiental. Pelo que está incluído ou excluído ensinamos os estudantes que eles são parte ou estão aparte do mundo natural. Ensinar economia, por exemplo, sem referências às leis da termodinâmica ou àquelas da ecologia é ensinar uma importante lição ecológica: que a física e a ecologia não tem nada haver com a economia. Isso está completamente errado. O mesmo é verdade para todo o currículo.

O segundo princípio vem do conceito grego de *paidéia*. A meta da educação não é dominar um assunto ou tema, mas a si mesmo. O tema é simplesmente uma ferramenta. Assim como usaríamos um martelo e uma estaca para esculpir um mineral, usamos idéias e conhecimento para forjar nossa própria personalidade. Confundimos meios com fins, pensando que as metas da educação são enfiar dentro da mente dos estudantes todo tipo de fatos, técnicas, métodos e informações, independente de como e com qual efeito estes conhecimentos serão usados. Os gregos sabiam melhor.

Terceiro, eu gostaria de propor que o conhecimento carrega com ele a responsabilidade de ver se ele está sendo bem usado no mundo. Os resultados pesquisas contemporâneas carregam similaridade com o que foi previsto por Mary Shelley: os monstros criados pela tecnologia e seus subprodutos pelos quais ninguém assume responsabilidade ou pior ninguém espera que se assuma responsabilidade. De quem é a responsabilidade por Chernobil? Pelo buraco na camada de ozônio? Pelo vazamento de petróleo do Exxon Valdez? Cada uma destas tragédias aconteceu em função do conhecimento criado, mas pelo qual ninguém era responsável. Isso no final pode ser visto pelo o que eu penso que é: um problema de escala. O conhecimento de como se fazer imensuráveis e arriscadas coisas por muito excedeu nossa habilidade de usá-las responsabilmente. Este conhecimento não pode ser usado responsabilmente, o que quer dizer seguramente e para bons propósitos.

Quarto, não podemos dizer que sabemos de algo até entendermos os efeitos deste conhecimento nas pessoas e em suas comunidades. Eu cresci próximo a Youngstown, Ohio, que havia sido destruída em grande parte por decisões corporativas de desinvestir na economia da região. Neste caso os MBAs, as ferramentas de brechas fiscais e a mobilidade de capital fizeram o que nenhum exército invasor poderia fazer: eles destruíram uma cidade americana com total impunidade em nome de alguma coisa chamada '*botton line*'. Mas o *botton line* para a sociedade inclui outros custos, àqueles do desemprego, crime, maiores taxas de divórcio, alcoolismo, abuso de crianças, perda de poupança e vidas arruinadas. Neste exemplo, o que foi ensinado nas escolas de negócio e nos departamentos de economia não incluiu o valor de boas comunidades, ou os custos humanos de uma racionalidade econômica destrutiva que valoriza eficiência e abstrações econômicas acima das pessoas e comunidades.

Meu quinto princípio segue e é baseado em William Blake. Tem haver com a importância de 'minutos particulares' e o poder de exemplos sobre palavras. Estudantes ouvem sobre responsabilidade global enquanto são educados em instituições que freqüentemente investem seu peso financeiro nas coisas mais irresponsáveis. As lições ensinadas são aquelas da hipocrisia e angustia, eventualmente. Estudantes aprendem, sem que qualquer um diga isso, que eles são incapazes de superar o terrível espaço entre ideais e realidade. O que é desesperadamente necessário são docentes e administradores que forneçam modelos completos de integridade, preocupação, consideração, e instituições que sejam capazes de incorporar ideais totalmente e completamente em todas suas operações.

Finalmente eu gostaria de propor que a forma em que o aprendizado ocorre é tão importante quanto o conteúdo de um curso particular. Cursos ensinados através de aulas em que somente o professor fala tendem a induzir a passividade. Aulas em salas de aula criam uma ilusão de que o aprendizado somente ocorre dentro de quatro paredes isoladas daquilo

que os estudantes chamam com aparente ironia de “mundo real”. Dissecção de sapos em aulas de biologia ensina lições sobre a natureza que ninguém verbalmente proferiria. A arquitetura do campus é uma pedagogia cristalizada que freqüentemente reforça a passividade, monólogo, dominação, e artificialidade. Meu ponto é simplesmente que os estudantes estão sendo ensinados em várias e sutis maneiras, além do conteúdo de seus cursos.

UMA AVALIAÇÃO PARA O CAMPUS

Se a educação é para ser medida pelos padrões da sustentabilidade, o que pode ser feito? Eu gostaria de fazer quatro propostas. Primeiro, gostaria de propor que você se engaje em um diálogo com todo o campus sobre a maneira de conduzir seu negócio como educador. Quatro anos aqui fazem nossos estudantes melhores cidadãos planetários ou os fazem, nas palavras de Wendell Berry “vândalos profissionais itinerantes”? A universidade contribui para o desenvolvimento de uma economia regional sustentável, ou em nome da eficiência, para o processo de destruição?

Minha segunda sugestão é examinar o fluxo de recursos nos *campi*: alimentos, energia, água, materiais e lixo. Docentes e estudantes devem juntos estudar os poços, minas, sítios, e florestas que fornecem ao *campus*, assim como os depósitos para onde seu lixo é enviado. Coletivamente, iniciar um processo de achar maneiras de mudar o poder de compra desta instituição para suportar melhores alternativas que causem menos impacto ambiental, menor emissão de dióxido de carbono, reduza o uso de substâncias tóxicas, promovam a eficiência energética e o uso de energia solar, ajudem a construir uma economia regional sustentável, cortem custos de longo prazo, e forneça um exemplo para outras instituições. Os resultados destes estudos devem ser levados para o currículo como cursos interdisciplinares, seminários, aulas e pesquisa. Nenhum estudante deve se formar sem entender como analisar fluxo de recursos e sem a oportunidade de participar da criação de soluções reais para problemas reais.

Terceiro, reexaminar como funcionam suas doações. Elas são investidas de acordo com os princípios do Exxon Valdez? São investidas em empresas que fazem coisas responsáveis que o mundo precisa? Pode parte disso ser investido localmente para ajudar a alavancar a eficiência energética e a evolução da economia sustentável para toda região?

Finalmente, proponho que você estabeleça uma meta de alfabetização ecológica para todos os estudantes. Nenhum estudante deve ser formado por esta ou qualquer outra instituição educacional sem compreensão básica:

- ✓ Leis da termodinâmica
- ✓ Princípios básicos de ecologia
- ✓ Capacidade de suporte da Terra
- ✓ Energia
- ✓ Análise de ciclo de vida
- ✓ Como viver bem em um lugar
- ✓ Limites da tecnologia
- ✓ Escala apropriada
- ✓ Agricultura e silvicultura sustentável

- ✓ Economia estacionária
- ✓ Ética ambiental

Os formandos desta universidade, nas palavras de Aldo Leopoldo, sabem que “eles são somente partes de um mecanismo ecológico tal como este, se eles trabalharão com este mecanismo, seu bem estar mental e material pode expandir-se indefinidamente (e) se eles se recusarem a trabalhar com ele, este mecanismo eventualmente, os transformará em pó.” Leopoldo perguntou: “Se a educação não nos ensina estas coisas, então para que serve a educação?”
